



Amor de perdição

Camilo Castelo Branco

Introdução: origens do Romantismo

As origens do Romantismo encontram-se na Alemanha e na Inglaterra, mas foi a França o pólo coordenador e divulgador do movimento. Isto se deveu, principalmente, à disseminação dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que foram apregoados pela Revolução Francesa e espalhados por toda a Europa, produzindo transformações históricas, sociais e culturais.

As primeiras manifestações românticas surgem já no final do século XVIII, no movimento conhecido como “Sturm und Drang”, que daria início ao Romantismo alemão, que teve nomes como Goethe, Herder, Schiller e os irmãos Schegel, e um programa de ação que incluía o combate ao racionalismo clássico, o retorno à natureza e o culto da melancolia e da afetividade. Paralelamente, na Inglaterra e na Escócia, autores como Edward Young, James Macpherson, Thomas Gray, Lord Chatterton, Walter Scott e Lord Byron, tanto na poesia como na prosa, pregavam, também, o domínio da emoção e da subjetividade.

Todavia, não obstante a importância dos autores alemães e ingleses e apesar das magnitude de sua obra, será a França, pelas razões já citadas, o grande centro do movimento, que lá terá nomes como Chateaubriand, Lamartine, Musset e Victor Hugo, considerado o grande arauto da nova estética literária (“ni régles, ni modèles”: nem regras, nem modelos). Com efeito, as novas ideias espalhavam-se pela Europa, à mesma proporção que os exércitos napoleônicos avançavam e conquistavam espaços.

As conseqüências sociais da Revolução Francesa, com a crise das monarquias absolutistas, a ascensão da burguesia ao poder e o surgimento do liberalismo na política, moral, economia e arte não demorariam a se fazer sentir: logo se estabelece uma nova escala de valores, em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

A arte passa por significativa transformação, refletindo os ideais burgueses de pensamento e vida. Entre outras alterações, ocorre a profissionalização do escritor que, em busca de melhor condição econômica, produz a obra literária ao gosto do público leitor. Cria-se, desse modo, uma estreita relação entre autor, obra, editor e leitor. E a partir deste momento, o escritor trabalhará em função desse público, constituído, em sua maioria, por uma classe média — a burguesia — despreparada intelectualmente e insipiente em relação à arte de até então, que era caracterizada pela erudição, pelo rigor formal, pelo preciosismo vocabular e alegorias extraídas da cultura clássica, greco-romana. A nova condição socioeconômica determina, no entanto, o interesse pela ascensão intelectual, gerando um público consumidor da literatura da época.

Características gerais do movimento: o Romantismo

A ascensão da burguesia — intelectualmente despreparada e insipiente quanto à arte erudita cultivada até então — como classe social dominante, contribuiu para que os gêneros literários modelados pelo rigor clássico — como a epopeia, a tragédia e a comédia — dessem lugar a uma narrativa mais adequada ao caráter intelectual desse novo público: o romance, logo popularizado e absorvido pelos leitores ascendentes. A poesia deixa os rigorosos conceitos clássicos de rima, métrica e forma fixa; preconiza-se a liberdade artística e formal, a aproximação da linguagem poética à linguagem oral e coloquial. E a arte passa a refletir o mundo interior do “eu”, originando um conceito de artístico altamente individualista e egocêntrico.

Dessa mudança de atitude em relação à Arte decorrem as principais características da estética romântica:

- o subjetivismo, o egocentrismo, o narcisismo;
- o predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, gerando o chamado “derramamento de emoções” ou “descabelamento romântico”
- o desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo, provocados pelo excesso de sentimentalismo e pela ausência da razão;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o real e o concreto;
- a fuga da realidade, evasão, escapismo;
- a fantasia como saída única para o desespero, o que faz criar mundos em que o “eu” possa encontrar consolo: daí o retorno ao medievalismo, ao passado remoto; a presença de terras exóticas, lugares longínquos, a busca, na natureza, de remédios para os males do coração ou, finalmente, a deserção total, através da morte, sobretudo para os “ultra-românticos”;
- a introversão, na sondagem do mundo interior o qual se prolongará na mundividência romântica e na natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do “eu”
- a preferência pela paisagem noturna, que possibilita o sonho, a imaginação e a fantasia;
- a sensação de tédio, morbidez e pessimismo diante da vida, atitude conhecida como “Mal do Século” (“Mal du Siècle”) e assumida, principalmente pelos ultra-românticos;
- a instabilidade emocional, tipicamente adolescente, que fez valer ao movimento a designação de “estética de adolescentes”;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, ufanismo, tentativa de recuperar as origens telúricas;
- no plano formal, segundo dito anteriormente, a liberdade de expressão: a língua passa a ser veículo das emoções do “eu”, apoiada, estilisticamente, em figuras como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia e a apóstrofe, entre outras.

A época: contexto histórico do Romantismo português

O Romantismo em Portugal estende-se de 1825 a 1865, período marcado por uma grande e generalizada instabilidade no país.

Tendo perdido grande parte das colônias que formavam seu antigo “vasto império” — como a ele se refere Camões, em *Os Lusíadas* —, Portugal voltara, no início do século XIX, suas esperanças para o Brasil. Mas não há tempo para que tais esperanças se concretizem, nem para que se espere um futuro melhor: a invasão das tropas napoleônicas, em 1808, determina a vinda da família real para o Brasil, e a metrópole se vê, então, na humílima condição de “colônia da própria colônia” e sob o comando de um inglês — Beresford — até 1820, quando a Revolução do Porto convoca a Assembleia Constituinte e D. João VI volta ao país.

Nem a promulgação da nova Constituição, em 1822, acalmaria os ânimos. A Independência do Brasil, no mesmo ano, agravaria a situação político-econômica do reino e daria início a tempos ainda mais turbulentos, marcados pela disputa de poder entre os irmãos Pedro (I do Brasil e IV de Portugal) e Miguel — vitorioso em 1833, mas obrigado a abdicar e abandonar o país um ano depois —, e, depois, pela coroação de uma rainha de apenas quinze anos — D. Maria, filha de D. Pedro. O clima de desordem continua até 1847, quando o chamado governo da Regeneração, apoiado pela burguesia, assume o poder, trazendo uma fase de maior estabilidade.

Não bastassem os conflitos de ordem política, Portugal apresentava ainda, à época, um panorama social desolador: oitenta por cento da população era analfabeta e a economia, dada a ausência de um verdadeiro processo de revolução industrial, como o que ocorria no restante da Europa, assentava-se em bases agrícolas, o que levou os intelectuais, fartos de tantos desacertos, a preferirem, muitas vezes, o exílio voluntário, como o fizeram Alexandre Herculano e Almeida Garrett.

Todos esses acontecimentos tornaram incipiente o início do Romantismo em Portugal, marcado pela publicação do poema *Camões*, de Almeida Garrett, em 1825. Mesmo assim, sua pujança viria a ocorrer mais tardiamente, com o reconhecimento de nomes como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, entre outros.

Refletindo a turbulência da época, o Romantismo português atravessaria quarenta anos, sendo convencionalmente dividido em três fases, os chamados “momentos românticos”, assim classificados de acordo com o predomínio de certas características ao longo de sua evolução:

- O primeiro momento estende-se de 1825 a 1838, e tem como maiores nomes Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho. Este período apresenta, ainda, certos resquícios neoclássicos e uma postura formal ainda conservadora, cultivando um romantismo mais no plano do ideal e da ação libertária do que nos aspectos formais.
- O segundo momento vai de 1838 a 1860 e é representado pela obra de Camilo Castelo Branco e Soares de Passos. Nesta fase reina, absoluta, a emoção, o descabelamento, o exagero, ao lado da sensação de tédio, morbidez e desespero em relação à vida e ao mundo.
- O terceiro momento abrange o período de 1860 a 1865 e é marcado pela prosa de Júlio Dinis e pela poesia de João de Deus. Prenunciando o término do movimento, apresenta antecipações da nova estética que surgia, o Realismo.

Importa, neste passo, o segundo momento, em que se localiza Camilo Castelo Branco. Aqui os intelectuais abandonam os ideais românticos do primeiro momento e desandam para o chamado *ultra-romantismo*: a exacerbação das emoções, a passionalidade exagerada. A obra novelística passional de Camilo é representativa dessa fase.

O autor: Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, em 1825, e suicidou-se a 1º de junho de 1890, em São Miguel de Seide. O autor parece ter vindo ao mundo sob o signo da desgraça, que o acompanharia por toda a vida: órfão dos pais aos dez anos, foi criado por uma tia e por uma irmã mais velha. Casa-se aos dezesseis anos, com uma aldeã, que lhe dá uma filha; logo abandona as duas e vai para o Porto e Coimbra tentar, em vão, cursar Medicina. Aos vinte e três anos, estabelece-se no Porto, após uma aventura amorosa em Vila Real. Inicia, então, sua carreira literária, ao mesmo tempo em que se envolve em várias aventuras amorosas, incluindo uma freira, Isabel Cândida.

Entre 1850 e 1852, recolhe-se a um seminário, em profunda crise religiosa.

Conhece, a seguir, Ana Plácido, a grande paixão de sua vida, mas não pode concretizar esse amor de imediato. Dedicar-se à literatura, escrevendo para sobreviver: deixaria, ao todo, cinquenta e oito novelas, além de poesia, teatro, crônica, crítica, memórias e história, em uma produção copiosa, que se iniciara em 1851, com a narrativa *Anátema*. Em 1858, Ana Plácido abandona o marido para viver com Camilo. Processados por crime de adultério, são presos na cadeia da Relação do Porto, onde Camilo escreve sua obra-prima, *Amor de Perdição*. Levados a julgamento, ambos são absolvidos, e o escândalo acaba por ter um lado positivo: traz a Camilo a notoriedade, que a publicação de *Amor de Perdição* confirma e intensifica.

Com a morte do marido de Ana Plácido, os dois vão viver em São Miguel de Seide, na quinta que ela recebera como herança. Mas a sorte não lhe sorri: tendo que sustentar a mulher e três filhos, um dos quais do casamento anterior de Ana Plácido, Camilo entra a escrever desenfreadamente, e ainda suporta grandes desgostos: a sífilis, que lhe causa uma cegueira progressiva, e problemas com os dois filhos — um, desajuizado completamente, e outro, acometido de loucura. Não suportando mais tantas dores, nem a perda total da visão, suicida-se, a 1º de junho de 1890, quando já possuía fama e respeito como literato.

Autor copioso, obra vasta e variada

Camilo Castelo Branco foi um autor copioso: deixou vasta e variada obra, distribuída por vários gêneros, literários ou não: poesia, novela, romance, teatro, conto, crônica, historiografia, epistolografia, jornalismo, polêmica, folhetim, crítica literária. De sua extensa produção, importam, sobretudo, as novelas — gênero em que se insere *Amor de perdição* — e os romances que deixou.

Suas novelas podem ser agrupadas em três fases, de acordo com as características que apresentam e os temas que abordam. Na primeira fase, cedendo ao gosto do público leitor da época, apreciador de narrativas longas, Camilo escreveu novelas melodramáticas, em que predominam o fatalismo, o ódio, a vingança, o crime. As narrativas não apresentam verossimilhança, e há pobreza psicológica na elaboração das personagens, representativas da miséria, da perversão, da corrupção e da dor. É o que se pode classificar como literatura convencional de entretenimento. Predominam as novelas de mistério e de temas históricos, entre as quais se destacam *Carlota Angela* e *Onde está a felicidade?*

A segunda fase, expressa pelas novelas passionais, corresponde ao melhor de sua obra e representa a sua maturidade literária. Os textos são vazados em linguagem direta, comunicativa, coloquial e, às vezes, irônica. A imaginação privilegiada de Camilo, aliada à sua sensibilidade para com os problemas sentimentais, cria, aqui, novelas que estimulam a leitura, despertando no leitor o desejo de acompanhar, por inteiro, as peripécias nas quais as personagens se envolvem. O suspense, bem dosado, o enredo conciso, equilibrado, além de projeções autobiográficas, aproximam o leitor, o autor e a obra, na qual o amor, sentimento dominante, reina absoluto. A esta fase pertencem *Amor de salvação*, *A queda de um anjo*, *Coração, cabeça e estômago* e *Amor de Perdição*, considerada sua obra máxima.

A terceira fase corresponde ao final da vida de Camilo que, ao estudar as novidades realistas e naturalistas com o intento de criticá-las, acabou enveredando para a nova moda e escreveu quatro romances — não mais novelas — em que se destacam a crítica social, a observação da realidade, a descrição minuciosa, a sátira da sociedade e a abordagem de temas realistas como o adultério, vazadas em linguagem mais popular: *Eusébio Macário*, *A corja*, *A brasileira de Prazins* e *Vulcões de lama*.

O enredo: história de um grande e trágico amor

Amor de Perdição foi a mais importante obra de Camilo Castelo Branco. Escritor fértil, escreveu-a em quinze dias, na prisão.

Marcada por traços autobiográficos, narra a história de amor entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, adolescentes que pertencem a famílias inimigas, as quais mantêm laços de ódio recíproco, causado por problemas antigos. É claro que, descoberto o amor entre eles, as duas famílias fazem tudo para separá-los.

Os dois apaixonam-se perdidamente, mas têm um enorme obstáculo para a realização de seu amor: a problemática relação entre respectivas famílias. Simão é, então, mandado para Coimbra sob o pretexto de estudar lá. A Teresa restam duas opções: casar-se com um primo, Baltasar Coutinho, escolhido por seu pai, Tadeu de Albuquerque, ou isolar-se num convento:

“Tadeu mudou de aspecto e disse irado:

— Hás de casar! Quero que cases! Quero!... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame há de aqui pôr um pé nas alcatifas de meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar apelidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pai desse miserável que tu amas. Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que daí te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.”

Há, por parte do autor, a preocupação de provar a força incondicional do amor e, assim, Teresa consegue informar Simão das pretensões paternas. Simão, incógnito, volta de Coimbra para Viseu, a fim de encontrar a amada, e se esconde na casa de João da Cruz, um ferrador, pai de uma linda moça, Mariana, que se apaixonou perdidamente e em segredo, por seu hóspede: ele é fidalgo, enquanto ela é uma simples plebeia.

Simão marca um encontro com Teresa, mas Baltasar Coutinho arma-lhe uma cilada, com a ajuda de dois empregados. Simão é salvo por João da Cruz, que mata os dois “capangas” que auxiliavam Baltasar na empreitada.

Ferido na emboscada, Simão é avisado de que Teresa optou pelo convento, pois a amada consegue comunicar-lhe as novas por meio de uma mendiga que intermedeia a correspondência entre eles. Desta

forma, ele é informado de que a moça será transferida para o convento de Monchique, no Porto, que é dirigido por uma tia dela:

“[...] Eu receio que meu pai me queira mudar deste convento para outro mais rigoroso. Uma freira me disse que eu não ficava aqui; outra positivamente me afirmou que o pai diligencia a minha ida para um mosteiro do Porto. Sobretudo, o que me aterra, mas não me dobra, é saber eu que o intento do pai é fazer-me professor. [...] Se eu pudesse fugir daqui!... [...]”

Desesperado, Simão aproxima-se da comitiva que levaria Teresa para o Convento de Monchique, no Porto. Discute com o pai da moça e com o pretendente a seu noivo, e acaba matando, com um tiro, seu desafeto Baltasar Coutinho. Teresa desmaia e é levada assim para o Convento de Monchique.

Preso, Simão confessa o crime e nada faz para escapar da condenação à forca, o que causa fortíssimo abalo em Teresa, quando esta fica, no convento onde está, sabendo do fato. Passam-se três anos de infelicidade: Teresa definhando no convento e Simão na cadeia, assistido por Mariana e João da Cruz.

Simão Botelho é condenado à forca e finalmente, por insistência de amigos e da mãe, seu pai decide ajudá-lo e, muito influente, consegue a conversão da pena de morte em degredo na Índia. Ciente do fato, Teresa roga-lhe, por carta, que não vá, mas ele já não tem esperanças e mantém a opção pelo degredo.

Mariana, a esta altura já órfã de pai, pois João da Cruz fora assassinado, resolve acompanhar Simão, apesar de saber que seu amor por ele era totalmente sem esperança:

“[...] O preso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse:

— Irá, irá comigo, minha irmã. Pense muito no infortúnio de nós ambos de ora em diante, que ele é comum; é um veneno que havemos de tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da pátria.”

Enquanto isso, Teresa, no convento, enfraquece cada vez mais. No dia da partida de Simão, ela mal consegue forças para levantar-se e arrastar-se até o mirante do convento, a fim de acenar-lhe um adeus com um lenço:

“Foi então que Simão Botelho a viu.

[...]

Ouviu-se a voz de levar âncora e largar amarras. Simão encostou-se à amurada da nau, com os olhos fixos no mirante.

Viu agitar-se um lenço, e ele respondeu com o seu àquele aceno. Desceu a nau ao mar, e passou fronteira ao convento. Distintamente Simão viu um rosto e uns braços suspensos das reixas de ferro; mas não era de Teresa aquele rosto; seria antes um cadáver que subiu da claustra ao mirante, com os ossos da cara inçados ainda das herpes da sepultura.

É Teresa? — perguntou Simão a mariana.

— É, senhor, é ela — disse num afogado gemido a generosa criatura, ouvindo o seu coração dizer-lhe que a alma do condenado iria breve no seguimento daquela por quem se perdera.”

Embarcado, Simão vê Teresa ao longe, no mirante do convento, e percebe quando o vulto dela desaparece, adivinhando a tragédia que seria confirmada pelo capitão do navio: Teresa morrera.

Em absoluto desespero, alucinado de dor, Simão adocece e, delirando, morre no navio, consumido pelo amor e chamando pelo nome da amada. Seu corpo é jogado ao mar e Mariana, concluindo um amor impossível, atira-se junto com ele, abraçando-o e sucumbindo com o corpo de seu amado:

“Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio de onde Mariana se atirara, e viu, enleado no cordame, o avental, e, à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.”

No final do livro, o autor-narrador declara-se sobrinho de Simão Botelho:

“Da família de Simão Botelho vive ainda, em Vila Real de Trás-os-Montes, a Sra. D. Rita Emília da Veiga Castelo Branco, a irmã predileta dele. A última pessoa falecida, há vinte e seis anos, foi Manuel Botelho, pai do autor deste livro.”

As personagens principais

Seguindo os cânones ultrarromânticos, a obra distingue os protagonistas e os antagonistas. E assim, produz-se a luta entre a concretização do Bem, do Amor, que une as almas, e do Mal que tudo faz para infelicitar a relação. São protagonistas da novela Simão Botelho, Teresa de Albuquerque e Mariana, filha de João da Cruz, bem como ele mesmo.

Configuram o antagonismo as famílias de Simão e de Teresa, Baltasar Coutinho e seus comandados. Os antagonistas encarnam o pressuposto romântico do amor como razão de vida:

- **Simão Botelho:** no início da obra, apresenta-se como pessoa de temperamento difícil, encenqueiro. Esse caráter é posteriormente transformado pelo amor a Teresa, renunciando que o amor é uma virtude transformadora. Simão é transformado em herói do ultraromantismo. Nem o sofrimento abala os sentimentos nobres que ele nutre pela amada Teresa. É importante notar que a ação cabe a Simão e a reação, a Teresa.
- **Teresa de Albuquerque:** ela reage às atitudes do amado, endossando-as e revelando a distinção dos papéis masculino e feminino da sociedade da época; a fragilidade feminina ampara-se na agressividade masculina. Teresa simboliza a perfeição do caráter na mulher romântica. Socialmente nivelados, Simão e Teresa têm como obstáculo ao amor o ódio de seus familiares.
- **Mariana:** filha de um ferreiro — João da Cruz —, esta personagem aponta para a distinção social que impede a concretização do amor. Contenta-se com seu amor secreto, disfarçado em bondade e cortesia. Sabe sua condição; mesmo assim, o amor não lhe é menos intenso.

Através das atitudes dos protagonistas, torna-se evidente o fato de que a paixão romântica sobrepõe-se a toda e qualquer situação; os empecilhos, porém, frustram esse anseio de realização plena. Para as personagens ultrarromânticas, o Bem sucumbe ao Mal.

No plano antagônico, as personagens encarnam a mesma passionalidade de Simão e Teresa. As famílias radicalizam suas intenções. Há um confronto de forças ligadas ao apego dos bens “morais” e materiais. No jovem casal, entretanto, prevalece o amor — que a tudo resiste, ainda que à custa de qualquer sacrifício.

Assim, para os antagonistas prevalece uma suposta “honra”, e um orgulho inalienável, tido como um “indelével componente familiar”, que não podem ser alterados absolutamente. Entre os antagonistas, destaca-se o desafeto direto e rival de Simão, Baltasar Coutinho:

- **Baltasar Coutinho:** funciona como reforço da posição familiar de Teresa. Representa o que de pior existe na covardia burguesa: arma emboscada, contrata facínoras. Opõe-se ao caráter de Simão, ou seja, sempre “joga sujo”, como o faz a sociedade burguesa, hipócrita guardiã de princípios inexplicáveis.

As personagens João da Cruz e a mendiga funcionam como suporte para o desenrolar da trama, agem em nome do Bem. Sua impotência, entretanto, não permite que consigam superar a malevolência de que está cheia a burguesia.

Um narrador especial, pouco impessoal

A narrativa desenvolve-se em terceira pessoa, com um narrador-onisciente que ora também se mostra apenas observador — quando afirma ter tido notícias dos fatos narrados através das cartas de Simão e Teresa, as quais ele transcreve ao longo do livro. A verossimilhança da narrativa é, assim, obtida por meio da inclusão desses documentos probatórios dos fatos: as cartas, que os marujos do trágico navio recolheram junto aos corpos de Simão e Mariana.

É nítida a opção do narrador — que ao final da narrativa se confessa sobrinho de Simão Botelho por parte de pai — pela prevalência do amor sobre a valorização dos bens materiais e apegos à tradição familiar: seus comentários a respeito dos sentimentos das personagens comprova essa posição.

O espaço

Assim, o cenário (espaço) não é muito extenso. Tudo tem início na provinciana cidade portuguesa de Viseu: ocorre a ida de Simão para a Cadeia da Relação, no Porto. Mais tarde, na mesma cidade do Porto, Simão é embarcado para cumprir sua pena nas Índias. Tal não ocorre: ele falece embarcado.

O tempo

O tempo acompanha o ritmo da narração: rápido a princípio, torna-se cada vez mais lento, até abranger o “tempo interior” das personagens, através de seus pensamentos. O conflito amoroso vivido por Simão e Teresa pode ser observado em dois planos temporais, o cronológico e o psicológico. O amor entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque transcorre no período de sete anos. Isto marca o tempo cronológico. O tempo psicológico remete à duração da angústia dos amantes, ultrapassando o “chronos”.

Mais comentários...

Camilo Castelo Branco é considerado um dos maiores — e talvez o maior — prosador em língua portuguesa oitocentista. Afirmo o professor Massaud Moisés ser ele “uma espécie de Balzac português”. Sua linguagem é correta, limpa, fluente e acessível.

Se sua obra novelesca passional tem sempre um mesmo fundo, sobrepõe-se pelo tratamento perfeito da linguagem. O excesso passional, a veia ultrarromântica, a tragicidade de sua vida e obra — já que muito há de autobiográfico — são trabalhados no rigor da perfeição linguística vigente em sua época.

Leia-se o que ele expressa no prefácio à segunda edição de *Amor de Perdição*, datado de setembro de 1865:

“Estou quase convencido de que o romance, tendendo a apelar da iníqua sentença que o condena a fulgir e a apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma espécie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas literaturas antigas, em nome e por amor das quais muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autor.”

(Massaud Moisés. *A Literatura Portuguesa*. 19a. Ed. Cultrix. 1983)

Inserido no segundo momento do Romantismo português, Camilo Castelo Branco forma, assim, com o movimento ultrarromântico, do qual é maior representante.

Sua obra novelística passional é moldada ao gosto do leitor da época, que vê no amor levado às últimas consequências a redenção daquilo que de melhor há no ser humano.

O amor excede à própria felicidade. Tudo por ele se entrega, tudo por ele se doa — inclusive a própria vida, como declaram os protagonistas da história, Teresa:

“Meu pai diz que me vai encerrar num convento por tua causa. Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e achar-me-ás no convento ou no céu, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as minhas cartas; e na primeira te direi em que nome há de responder à tua pobre Teresa.”

... e Simão:

“Considero-te perdida, Teresa. O sol da manhã, pode ser que eu não o veja. Tudo, em volta de mim, tem uma cor de morte. Parece que o frio da minha sepultura me está passando ao sangue e aos ossos.”

Não posso ser o que tu querias que eu fosse. A minha paixão não se conforma com a desgraça. Eras a minha vida: tinha a certeza de que as contrariedades me não privariam de ti. Só o receio de perder-te me mata. O que me resta do passado é a coragem de ir buscar uma morte digna de mim e de ti. Se tens força para uma agonia lenta, eu não posso com ela.”

Atividades

1. Na novela *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, depreende-se um posicionamento afetivo que se mantém imutável em Simão Botelho.

- a) Por quem a personagem nutre esse afeto?
- b) Que relacionamento é mantido entre Simão e Mariana, do ponto de vista de Simão?
- c) Que motivos levam Mariana à condição de protetora de Simão Botelho?

2. Simão confessou o assassinato de seu opositor. Foi condenado à forca.

- a) Por que ele assumiu a culpa do crime sem defender-se?
- b) Quem era o opositor de Simão, por ele assassinado num confronto?

3. É possível detectar alguma característica do Realismo na novela ultrarromântica de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*?

4. As personagens de *Amor de Perdição* posicionam-se de maneira diametralmente oposta, constituindo um verdadeiro campo de batalha, com áreas pré-estabelecidas para os “guerreiros inimigos”.

- a) Quem são as personagens protagonistas?
- b) Quem são as personagens antagonistas?

5. Embora em campos opostos, protagonistas e antagonistas apresentam alguma semelhança de conduta.

- a) Em que consiste tal similitude?
- b) A condição igualitária da obstinação de todas as personagens pressupõe a vitória de uma das partes, no plano geral da obra? Por quê?

Observe o trecho selecionado da obra *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, para responder às questões 6 e 7:

“Nas condições do gosto nacional da época, salientemos sobretudo as qualidades positivas dos melhores espécimes desta novela, sobretudo o “Amor de Perdição”: uma grandeza trágica de paixões e situações; uma narração densa e rápida das ações decisivas; caracteres psicológicos secundários inteiramente subordinados às necessidades de dignificação do conflito central, mas por vezes realistas e enérgicos, sobretudo quando extraídos do meio popular (João da Cruz, Mariana, por ex.); diálogo geralmente evitado de retórica sentimental, mas por vezes de grande nobreza trágica nos personagens principais, e extraordinariamente vivo, colorido, incisivo nos tipos populares.”

6. Como você explica a afirmação dos autores sobre os “caracteres psicológicos secundários inteiramente subordinados às necessidades de dignificação do conflito central...”?

7. Que pretendem os autores com a afirmação: "...uma grandeza trágica de paixões e situações" ?
8. E que espaço transcorre a maior parte da narrativa? E o desfecho dos episódios?
9. O conflito amoroso vivido por Simão e Teresa pode ser observado em dois planos temporais.
 - a) Qual o tempo cronológico do evento?
 - b) Comente o outro plano temporal a que se faz referência.